

Quando o futuro pesa demais

Category: Diversos

31/12/2025



Quando o futuro pesa demais

e o corpo não esquece

Durante muito tempo, eu evitei dívidas.

Não por virtude, nem por medo do dinheiro, mas porque aprendi cedo que viver devendo tem um custo que vai além dos números. Sempre preferi pagar à vista, inclusive no cartão de crédito. A última dívida que fiz foi há mais de dez anos.

Recentemente, assisti a um vídeo sobre a dívida das nações. Algo em torno de mais de 100 trilhões de dólares. Um número tão grande que deixa de ser número. Impagável. Abstrato. Quase irreal. Mas, curiosamente, o impacto não foi intelectual. Foi corporal.

Aquilo me atravessou.

Não porque eu não soubesse que os países vivem endividados, mas porque percebi que aquele modelo — viver sempre projetando o futuro, sempre rolando compromissos, sempre em estado de alerta — não é apenas econômico. É humano. E é o mesmo modelo que moldou a forma como muitos de nós aprendemos a viver.

Eu sempre precisei lutar muito para construir as coisas. Nada veio fácil. Nada veio garantido. Isso formou em mim uma postura de vigilância constante. Mesmo hoje, com alguma estabilidade, ainda

existe uma desconfiança silenciosa em relação ao futuro. Um receio persistente de perder o que foi construído.

E isso permanece, apesar de todo o conhecimento espiritual que carrego.

Não escrevo isso como confissão nem como queixa. Apenas como constatação.

Percebo agora que o corpo não esquece os anos de luta. Ele aprende a não relaxar. Aprende que baixar a guarda é perigoso. Aprende que descanso pode custar caro. E quando isso se prolonga, o estado de alerta vira normalidade.

Talvez por isso a dívida das nações tenha me tocado tanto. Porque vi ali, em escala global, o mesmo padrão que vivi em escala pessoal: viver sempre antecipando o amanhã, sustentando o presente com esforço contínuo, sem espaço real para repouso.

Ao longo da vida, sempre procurei orientar pessoas a saírem das suas dívidas. Algumas vezes, inclusive, ajudei a quitá-las. Não por moral, mas porque via o peso invisível que elas carregavam.

O que mais me inquieta não é a dívida em si, mas o que ela produz por dentro: ansiedade constante, dificuldade de descanso, tensão que nunca se fecha. Um corpo que vive como se algo ruim estivesse sempre prestes a acontecer.

A vida nem sempre permite escolhas ideais. Às vezes, o financiamento não é fuga, mas ponte. O problema não é a ponte. É quando passamos a morar nela.

Talvez o maior custo desse modelo não apareça nos balanços econômicos, mas nos corpos cansados, rígidos, adoecidos. Em sistemas nervosos que desaprenderam a alternar entre esforço e repouso. Em pessoas que já não sabem descansar sem culpa.

Não escrevo para oferecer saída.

Nem para ensinar caminho.

Nem para acusar ninguém — nem governos, nem pessoas, nem a mim mesmo.

Escrevo apenas para compartilhar uma percepção:

talvez estejamos vivendo mais em modo sobrevivência do que imaginamos.

E talvez o descanso — verdadeiro, profundo, sem performance — não seja luxo, mas necessidade vital.

Se isso tocar alguém, que seja com gentileza.

Sem culpas.

Sem acusações.

Sem pressa.

Às vezes, reconhecer o peso já é o primeiro alívio.